

# NOTAS SOBRE A NUPCIALIDADE: UMA NOVA ABORDAGEM DO MATRIMÔNIO E DA FAMÍLIA<sup>1</sup>

Giancarlo Petrini<sup>2</sup>

## 1. O CONCEITO DE NUPCIALIDADE

O conceito de nupcialidade tem uma história longa como a civilização judaico-cristã, sendo usado já no Antigo Testamento para indicar, não somente a relação nupcial entre um homem e uma mulher, mas, por analogia, também a Aliança entre Deus Criador e o povo eleito nas diversas etapas de sua história. Nestes últimos anos, o conceito foi reelaborado por Scola<sup>3</sup> (1998; 2000), a partir das catequeses do Papa João Paulo II sobre o amor humano<sup>4</sup>. Scola apresenta a nupcialidade como sendo de extrema fecundidade para falar do amor humano, nas diversas expressões e conexões em que se apresenta. Este fenômeno, tão comum e, ao mesmo tempo, tão desgastado, que vai desde “Vênus até o amor perfeito com o qual se amam os três que são o único Deus”<sup>5</sup>, pode ser compreendido de modo menos óbvio através do conceito de nupcialidade.

O conceito foi retomado, em seguida, por outros autores, entre os quais Melina<sup>6</sup>, Ouellet<sup>7</sup>, Marengo<sup>8</sup>, em trabalhos de teologia que vão desde a Antropologia Teológica, à Teologia Moral e à Sacramental. Foi retomado também por Grygiel<sup>9</sup> em chave filosófica.

Por mistério nupcial entende-se – afirma Scola

[...] de um lado a unidade orgânica de diferença sexual, amor (relação objetiva com o outro) e fecundidade, do outro [esta expressão] refere-se objetivamente, em virtude do princípio da analogia, às diversas formas do amor, que caracterizam quer o homem-mulher, em todos os seus derivados (paternidade, maternidade, fraternidade, sororidade, etc.) quer a relação de Deus com o homem no sacramento, na Igreja, em Jesus Cristo, para chegar até à mesma Trindade.<sup>10</sup>

O tema foi retomado em diferentes lugares, com a difusão da revista *Anthropotes*<sup>11</sup> e com a tradução em diversas línguas dos dois volumes nos quais ele foi mais amplamente tratado<sup>12</sup>. O conceito

<sup>1</sup> Estudos e Pesquisa da parte do projeto de pesquisa intitulado: “Família e Pobreza na Região Suburbana de Salvador: entre estratégias de sobrevivência e projeto de vida, um estudo de diferenciais”.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais, Coordenador do Mestrado em Ciências da Família da Universidade Católica do Salvador – UCSal e do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família.

<sup>3</sup> SCOLA, Angelo. *O Mistério Nupcial*. Bauru, EDUSC, 2003. Dello stesso Autore é: *Il Mistero Nuziale 2. Matrimonio-Famiglia*. Roma, Pul-Mursia, 2000. Os autores que trabalham com o conceito de Nupcialidade estão reunidos no Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, da Universidade do Latrão.

<sup>4</sup> GIOVANNI PAOLO II. *Uomo e Donna lo Creò. Catechesi sull'amore umano*. Città del Vaticano, Città Nuova Ed. e Libreria Ed. Vaticana, 4ª edizione, 1995.

<sup>5</sup> SCOLA. *O Mistério Nupcial*. Op. cit. p. 6.

<sup>6</sup> MELINA, Livio. *Cristo e il Dinamismo dell'Agire. Linee di rinnovamento della Teologia Morale Fondamentale*. Roma, Mursia, 2001.

<sup>7</sup> OUELLET, Marc. *Trinità e Nuzialità*. Roma. (Corso 70099). A.A., 2001/2202

<sup>8</sup> MARENGO, Gilfredo. *Trinità e Creazione*. Indagine sulla teologia di Tommaso D'Acquino. Roma, Mursia, 1990.

<sup>9</sup> GRYGIEL, Stanislaw. “*Dolce Guida e Cara*”. *Saggi antropologici sul femminile*. Milano, Ares, 1996.

<sup>10</sup> SCOLA, A. *Il Mistero Nuziale. 2. Matrimonio-Famiglia*. Op. Cit., 2000, p. 81.

<sup>11</sup> ANTHROPOTES. La rivista, pubblicata a Roma da Mursia, é arrivata al 18º anno di edizione e raccoglie, in forma tematica, lavori dei docenti della sezione centrale e delle altre nove sezioni presenti nei cinque continenti, del Pontifício Istituto Giovanni Paolo II per Studi su Matrimonio e Famiglia.

<sup>12</sup> SCOLA, Angelo. *O Mistério Nupcial*. Bauru. EDUSC/UCSal/Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família. 2002. L'edizione brasiliana riunisce i volumi 1 e 2 dell'opera.

de nupcialidade constitui uma provocação significativa para repensar, sob uma nova luz, a relação entre homem e mulher. Trata-se de um instrumento de análise capaz de descrever, compreender e interpretar expressões importantes de um fenômeno complexo como o amor humano e as suas implicações sociais através do matrimônio e da família, procurando apreender o significado, a orientação, a importância de relacionamentos, de gestos, de vínculos que muitas vezes podem ser vistos de modo parcial e superficial. Ele difundiu-se rapidamente, começando a ser utilizado em vários centros de pesquisa, em campo teológico e filosófico.

Na elaboração feita por Scola e no trabalho teológico subsequente, a nupcialidade está associada ao conceito de mistério. No presente estudo, todavia, é deixada de lado a noção de mistério, para permanecer no espaço das ciências humanas e, particularmente, da antropologia social. As páginas que seguem nascem da tentativa de ler o conceito de nupcialidade no horizonte das Ciências Humanas.

O coração do conceito de nupcialidade é a unidade inseparável de amor, sexualidade e procriação. Aqui reside a originalidade do conceito, que apreende sinteticamente aspectos fundamentais da antropologia, resgatando a unidade que, desde os primórdios da história e até da pré-história, até tempos recentes, constituiu o eixo da relação homem-mulher ao redor da qual estruturaram-se o matrimônio, a família e, como consequência disso, relações de cooperação e de solidariedade entre os sexos e entre as gerações.

Na diversidade das formas que historicamente estas realidades assumiram e no meio de contradições que se verificaram, a nupcialidade sempre permaneceu como o núcleo central ao qual se deve atribuir a origem de dinâmicas sociais que desenharam as diversas civilizações.

No pólo oposto à nupcialidade situa-se a relação ocasional entre homem-mulher, no exercício de uma sexualidade que muda a natureza dos vínculos inerentes ao relacionamento, reduzindo-os ao mínimo.

## 2. NO HORIZONTE DE UMA “ANTROPOLOGIA DRAMÁTICA”

A relação nupcial torna-se compreensível no horizonte da “antropologia dramática”<sup>13</sup>. Segundo Balthassar, “[...] não existe outra antropologia a não ser a dramática [...]”<sup>14</sup>. O drama nasce do fato que o ser humano se move na cena do mundo, na qual deve jogar a sua parte. Todavia, ele compreende que procede de um “primeiro ato” não escrito por ele e do qual não participou. Compreende, também, que se move para um “ato último”, do qual não conhece o roteiro (*script*), não sabendo como acabará. Quando reflete sobre si mesmo, o sujeito singular encontra-se já na cena do grande teatro do mundo. Ele não escolheu de começar a existir; mas mesmo assim defronta-se com ter que escolher para edificar uma existência que busca o cumprimento.

Todavia, como a linha do horizonte, a realização da própria humanidade parece afastar-se quanto mais alguém procura aproximar-se dela<sup>15</sup>. Move-se na cena do mundo, devendo escolher entre uma ampla gama de possibilidades. “Talvez não há outro ser vivente a tal ponto dilacerado entre alternativas”<sup>16</sup>. Ele “não pode sair do curso da ação dramática na qual se encontra para considerar em que jogar. Ele já está no jogo sem que alguém tenha pedido a ele se quer jogar; de fato, recita uma parte, mas qual?”<sup>17</sup>.

<sup>13</sup> SCOLA, Angelo. “Antropologia drammatica e agire umano”. In: MELINA, L. e NORIEGA, J. org. *Domanda Sul Bene e Domanda su Dio*. Roma Mursia, 1999, p. 15-20.

<sup>14</sup> BALTHASSAR, Hans Urs Von. *Teodrammatica, vol. II. Le persone del dramma: l'uomo in Dio*. Milano: Jaca Book, 1992, p. 317.

<sup>15</sup> Cfr. SCOLA, A.; MARENGO, G.; LÓPES, J. P. *La Persona Umana: Antropologia Teologica*. Milano: Jaca Book, 2000, p. 59-60

<sup>16</sup> STEINBECK, John. *The Log from de Sea of Cortez*. Pan Books, 1974, p. 156, *apud* BALTHASSAR, op. cit., p. 320.

<sup>17</sup> BALTHASSAR, op. cit., p. 323.

A filosofia e a literatura documentam este drama, expresso com diversidade de acentos no decorrer dos séculos. Na cultura pós-moderna, assume uma importância significativa o esforço para negar o drama, procurando eliminar as perguntas que o alimentam. Nesse ambiente que, de modo um pouco sumário pode ser definido como niilista, devem ser compreendidos os conflitos e as contradições que emergem nas relações homem-mulher – que se dispõem no amplo espaço compreendido entre a nupcialidade e a relação ocasional.

Na cultura contemporânea, a nupcialidade, entendida como união de amor, sexualidade e procriação, poderá ser vivida só como consequência de uma livre decisão, que nasce da compreensão da importância que ela contém para a própria realização. Não será mais um conjunto de circunstâncias biológicas, técnicas e culturais que poderá induzir as pessoas a viver a sexualidade no horizonte do amor nupcial, mesmo não possuindo as razões disso. A reflexão sobre a nupcialidade iniciada por Scola tem o mérito não somente de aprofundar uma modalidade importante das relações entre os sexos, mas também de ampliar o espaço da liberdade nas relações homem-mulher, que passam a ser determinadas pela autoconsciência, pela livre decisão em favor de determinados valores.

Neste sentido, o conceito de nupcialidade não tem uma conotação normativa, quase que indicasse o dever ser de um relacionamento entre homem e mulher. Trata-se de uma realidade que pode ser verificada por meio de pesquisa empírica, caracterizada por inevitáveis tensões para reconquistar, dia após dia, a adesão da liberdade a um projeto comum de vida, que se realiza através do dom de si, no desenvolvimento dinâmico no mudar das circunstâncias.

### **3. A NUPCIALIDADE ENVOLVE A TOTALIDADE DA PESSOA**

No horizonte das ciências humanas, o conceito de nupcialidade impõe-se imediatamente como indicativo de uma relação humana. A nupcialidade é algo que é vivido junto, indica um relacionamento. Na sua acepção mais simples e direta, a nupcialidade indica um relacionamento entre um homem e uma mulher, caracterizado por uma certa qualidade. Com efeito, tende a envolver as pessoas na totalidade de seu ser, a começar pela simpatia e pela atração, até a intimidade da relação sexual, com todas as consequências a que isto pode levar. O conceito de nupcialidade indica algo mais que uma intimidade sexual entre um homem e uma mulher; com efeito, ele implica a elaboração de um projeto de vida comum, que contém no seu horizonte, a possibilidade de procriar filhos, acolhê-los e educá-los.

A simpatia e a intimidade física, que encontram na relação sexual a expressão mais profunda, orientam-se, para falar de nupcialidade, à partilha estável da globalidade da existência, a ponto de constituir um casal socialmente reconhecido como tal, isto é, caracterizada por uma comunhão de habitação, de tarefas, de recursos, para a edificação de uma realidade comum, que encontra no matrimônio e na família a sua plena realização.

Na cultura atual, prevalecem relacionamentos determinados por uma competência profissional, por uma prestação de serviços, sendo delimitada a esfera dos interesses envolvidos. O relacionamento interessa a uma parte da pessoa, por uma porção limitada de tempo. O conceito de nupcialidade indica, pelo contrário, um relacionamento que envolve a pessoa na sua totalidade.

Refere-se a uma relação que tende à totalidade não somente num determinado momento, mas também no seu desenvolvimento ao longo do tempo. Neste sentido, pode-se entrever a duração, com toda a imprevisibilidade de circunstâncias que se sucedem, algumas das quais são projetadas e construídas enquanto outras, pelo contrário, são imprevistas e fogem a qualquer controle.

Relações de nupcialidade, lá onde podem ser reconhecidas, constituem uma companhia à tarefa de cada um e à construção da existência, importante para o percurso humano de quem está envolvido. No pólo oposto situam-se os relacionamentos caracterizados pela parcialidade.

#### 4. UMA ANTROPOLOGIA UNITÁRIA

A corporeidade, encarnada segundo uma precisa conotação sexual, introduz o ser humano à consciência de uma deficiência e de uma solidão originária, à evidência de uma fragilidade radical, que poderia desembocar na extinção da própria espécie. Estes limites o impelem ao conhecimento do outro, do diferente, para o qual é irresistivelmente atraído e com o qual pode superar seus limites.

A consciência da identidade não se forma em abstrato, mas é estritamente ligada ao encontro com o outro, que acontece através da corporeidade, sexualmente diferenciada. A autoconsciência nasce da reflexão sobre a experiência que pessoalmente cada ser humano faz de si e dos relacionamentos que estabelece com toda a realidade e com o outro sexo.

Deficiência, solidão e fragilidade são insuperáveis sem o concurso do outro sexo, que começa a ser percebido como possibilidade de resposta, de solução ao próprio drama.

O ser humano qualifica-se pela unidade indivisível de alma e corpo. É verdade que seu organismo e sua psique partilham alguns aspectos com os animais, mas esses são a tal ponto conexos com a condição de ser humano, que entram na definição da sua identidade pessoal e da sua dignidade humana.

A unidade dual de alma e corpo, juntamente com a unidade dual de homem-mulher e aquela de indivíduo-sociedade<sup>18</sup>, está no fundamento da dramaticidade da condição humana e chama em causa a liberdade como último ponto de definição da autoconsciência. A liberdade pode definir, portanto, a autoconsciência do ser humano, mas não decide a sua realidade efetiva.

A dimensão espiritual, identificada muitas vezes como alma, seguiria uma sua dinâmica própria, distinta e separada da corporeidade. Dessa antropologia dualista nasce uma imagem de homem dividido entre uma corporeidade que partilha com o mundo animal, do qual assume as exigências da instintividade, e uma espiritualidade que o eleva para além da animalidade e o identifica como ser humano. Neste caso, a identidade humana seria atribuída à pessoa graças à sua dimensão espiritual, enquanto a dimensão corporal, incluindo a sexualidade, constitui o seu lado animal.

Nesse horizonte, durante séculos, a alma foi exaltada em detrimento do corpo, sob a influência platônica, que considerava o corpo como seu cárcere. Na cultura atual, é exaltado o corpo em detrimento da alma, com o achatamento do ser humano a uma única dimensão que o coloca no mesmo plano do mundo animal, ainda que dispondo de recursos naturais mais refinados. O culto do corpo, totalmente centrado sobre o aspecto estético do homem e da mulher e certo “salutismo”, tão visível nas ruas e nos parques de nossas cidades e nas academias de ginástica, nascem desta mentalidade que, coerentemente, reivindica os direitos da dimensão instintiva, reduzindo ao máximo, os limites e o seu governo<sup>19</sup>.

#### 5. A DIFERENÇA SEXUAL

A nupcialidade é possível por causa da diferença sexual homem-mulher. Afirma Scola:

[...]. Para compreender o significado da sexualidade humana é necessário, antes de mais nada, deixar falar o dado, ao mesmo tempo fenomenológico e ontológico, segundo o qual nenhum homem (ou nenhuma mulher) pode ser por si só todo o homem: ele tem sempre diante de si a outra maneira de ser, a ele inacessível. Uma alteridade que é diferença caracteriza o homem por

<sup>18</sup> BALTHASSAR, Hans Von. *Teodrammatica*. Op. cit.

<sup>19</sup> SCOLA, Angelo. *Uomo-Donna. Il “caso serio dell’amore”*. Milano, Marietti, 2002, p. 30-31.

causa de sua natureza sexuada. Mesmo sob este aspecto manifesta-se inevitavelmente a sua contingência.<sup>20</sup>

A nupcialidade indica um relacionamento que consiste num nexo ou vínculo que une uma pessoa a outra em contexto afetivo, para realizar um projeto comum de vida, por sua natureza dinâmico e submetido à variabilidade das circunstâncias, como é próprio da condição humana em sua dimensão temporal. Amar, trabalhar, gerar, morrer são ações ou processos que são vividos no tempo e mudam simultaneamente o ambiente e as pessoas envolvidas. Esse relacionamento, no qual os equilíbrios são construídos e são desfeitos continuamente para serem reconquistados nas novas circunstâncias que se apresentam, torna-se sempre mais um relacionamento de pertença, uma relação humana e social, caracterizada por uma reciprocidade que se exprime no plano afetivo, bem como nas questões mais concretas da convivência quotidiana.

A experiência do sacrifício, da satisfação, a percepção do tempo que passa, como envelhecimento e, ao mesmo tempo, como desenvolvimento e crescimento de relações conjugais e familiares, a experiência do dom dado e do dom recebido tornam-se realidades constitutivas da própria identidade pessoal, do próprio rosto com o qual cada um entra em relação com o ambiente.

Torna-se pai ou mãe, e viver a paternidade e a maternidade no horizonte do vínculo nupcial, assumindo o empenho de educar a prole produz mudanças substanciais não somente na identidade das pessoas envolvidas e na responsabilidade que cada um deve assumir, mas também na sociedade. A rede de relações familiares assim constituída cria espaços de gratuidade entre os sexos e entre as gerações. No tecido fino destas relações são transmitidos e se consolidam os valores, os critérios de juízo, as crenças, os ideais, as atitudes que tornam uma convivência social mais ou menos civilizada.

## 6. ALGUMAS HIPÓTESES DE PESQUISA A RESPEITO DA NUPCIALIDADE

Todas as formas de relação entre os sexos podem ser compreendidas no espaço que une dois pólos opostos, o da nupcialidade e o da relação ocasional. Considera-se ocasional uma relação homem-mulher que não se torna projeto comum de vida, não está aberto à procriação, não gera algum tipo de vínculo. Nesta categoria, podem inscrever-se também os abusos e as violências sexuais, que constituem relações ocasionais nas quais a parcialidade do interesse pela outra pessoa alcança o limite máximo e esta parcialidade explode em violência. Este modelo polar, inspirado na sociologia de Max Weber, pode orientar a pesquisa empírica para investigar os diferentes tipos de relacionamentos homem-mulher, dispondo-os no *continuum* entre os dois pólos. Dessa maneira, pode-se aprofundar a compreensão da relação homem-mulher numa determinada sociedade, os pontos de concentração das variações nas proximidades de um pólo ou de outro, identificando as tendências que prevalecem.

Interessa estudar os fatores que influenciam as diferentes formas de relação homem-mulher, procurando estabelecer, na medida do possível, os nexos causais entre os diversos universos culturais, éticos e religiosos e as formas de compreender a sexualidade, o amor, a procriação e os relativos comportamentos. No cenário do moderno pluralismo podem ser identificados os modos de organizar e viver o amor e a sexualidade, a fecundidade, a paternidade e a maternidade, a partir do fato de pertencer a esses universos, bem como a ausência de pertenças definidas, que deixa amplos espaços às modas e, mais em geral, aos interesses do mercado.

Deve ser verificada através de pesquisa empírica<sup>21</sup> a hipótese de que relações familiares de tipo nupcial constituem um recurso, que pode influenciar as pessoas envolvidas, orientando-as para elaborar

---

<sup>20</sup> SCOLA. *Il Mistero Nuziale*. 1. Op. Cit. P. 32. Vedere anche SCOLA, Angelo. “Il disegno di Dio sulla persona, sul matrimonio e sulla famiglia” *apud Anthropotes*, v. 15, p. 313-358, 1999.

projetos de vida, isto é, para uma postura positiva e ativa diante da realidade, que visa melhorar as condições de educação, saúde, trabalho e moradia.

Pelo contrário, as relações familiares mais próximas do pólo da ocasionalidade provavelmente orientam o comportamento das pessoas para estratégias de sobrevivência. O conceito de nupcialidade explícita, dessa maneira, a idéia de família como recurso para a pessoa e para a sociedade e como recíproco pertencer, já desenvolvidos em trabalhos anteriores.<sup>22</sup>

Poderá ser útil estudar a relação homem-mulher entre nupcialidade e relação ocasional, para verificar a influência da pertença a classes sociais diferentes e a existência de modelos transversais às classes, bem como a importância do mercado, com sua tendência a colonizar o mundo da vida, submetendo todos os aspectos da existência aos próprios critérios.

Não se trata, evidentemente, de dar juízos morais a respeito de modelos de relacionamento entre os sexos e entre as gerações desenhados pelos diferentes universos culturais, éticos e religiosos, mas de compreender mecanismos e dinamismos que influenciam, condicionam, valorizam alguns comportamentos mais que outros. Isto pode ampliar os espaços da liberdade, isto é, a possibilidade de formular juízos com um fundamento de racionalidade mais elevado, a partir de um conhecimento mais aderente à realidade da condição humana.

Uma última observação refere-se ao uso analógico do conceito de nupcialidade à qual Scola dedica várias páginas e que mereceria um aprofundamento<sup>23</sup>. Ele passa, de tal maneira, a indicar não somente um certo tipo de relação entre homem e mulher, feita de envolvimento e dom recíproco de si, prestando atenção ao destino do outro mais do que ao próprio interesse. Ele indica também uma atitude mais ampla, diante de toda a realidade, uma posição humana atenta para compreender e valorizar a alteridade, a diferença na convivência social, um modo de relacionar-se com as pessoas, com a natureza e com o mundo dos objetos, compreendendo cada realidade no horizonte da totalidade da qual recebe significado. A nupcialidade sugere, então, um olhar positivo sobre a realidade, capaz de reconhecer a finalidade de um objeto, por exemplo, de um rio, de um bosque, de uma espécie animal, para além do interesse imediato que mede a sua utilidade técnica e econômica. O Cântico das Criaturas de Francisco de Assis pode ser considerado um exemplo de olhar nupcial, desejoso de admirar, acolher, respeitar, desde o drama humano, evocado pela morte chamada de irmã, até toda a natureza criada.

---

<sup>21</sup> O Autor refere-se ao projeto de pesquisa “Pobreza e Família na Região Suburbana de Salvador: entre estratégias de sobrevivência e projeto de vida, um estudo de diferenciais”, ao qual está trabalhando com um grupo de pesquisadores do Mestrado em Ciências da Família.

<sup>22</sup> PETRINI, João Carlos. Pós-Modernidade e Família, um itinerário de compreensão. Bauru, EDUSC, p. 71-81.

<sup>23</sup> Cfr. SCOLA. *Il Mistero nuziale. 1. Uomo-Donna*. Op. cit. p. 65-143 e SCOLA. *Il Mistero Nuziale. 2. Matrimonio-Famiglia*. Op. cit. p. 103 e ss.